

Sobre a recorrente instabilidade política tailandesa e a falta de repercussões internacionais

Thailand's persistent political instability and the absence of international repercussions

DIOGO MAMORU IDE*

Meridiano 47 n. 98, set. 2008 [p. 13 a 15]

Mais um Primeiro-Ministro tailandês foi forçado a se retirar. Samak Sundaravej, eleito no início deste ano, anunciou sua renúncia ao cargo após sofrer duras críticas e ameaças de golpe por parte de adversários políticos. A principal motivação foi o recebimento de pagamentos decorrentes da aparição realizada no programa de culinária que chefou ao mesmo tempo em que exerceu o posto de Primeiro-Ministro. A constituição da Tailândia proíbe que o Primeiro-Ministro tenha emprego privado, fato que torna ilegal tanto o emprego de apresentador que Sundaravej exerceu como a contrapartida econômica recebida. Os pagamentos pela aparição na televisão foram o mote que faltava para crescer ainda mais a instabilidade política no país e para degradar ainda mais a frágil democracia tailandesa.

A cobertura da imprensa internacional sobre os desdobramentos ocorridos foi baixa, acompanhando o comportamento de muitos países de não se pronunciar sobre os fatos ocorridos. Certamente muito do que foi observado no último mês reflete em grande medida o jogo político interno e não engendra implicações que afetam diretamente outros países. Cumpre, entretanto, ressaltar que, à medida que as instituições democráticas sofrem de um problema crônico de fragilidade e em que os acontecimentos políticos descortinam o clima de forte turbulência, era esperado o acompanhamento mais próximo da comunidade internacional.

A fim de abarcar algumas das principais dinâmicas políticas que envolvem a saída precoce

de Sundaravej, a presente análise de conjuntura será esquematizada em duas seções. A primeira delas tem como objetivo oferecer um panorama geral sobre as dinâmicas políticas em curso na Tailândia que concorreram para mais um caso de ruptura no mandato de um governante. A importância de se compreenderem tais dinâmicas reside no fato de qualquer tentativa de estabilização política do país deve necessariamente passar por elas. Por sua vez, na segunda parte, serão buscados alguns dos fatores que ajudam a explicar o porquê da falta de repercussões internacionais dos desdobramentos observados na Tailândia.

O contexto político tailandês

Para fazer uma abordagem dos processos políticos em curso na Tailândia, é preciso ter em mente dois planos analíticos. Isso advém da necessidade de compreender o cenário político interno a partir da instabilidade política que prevalece sobre o país desde 1932 e das variáveis da conjuntura interna que influenciam a dinâmica política no momento atual. Logo, percebe-se que tanto processos antigos, que perduram há décadas, como processos resultantes da dinâmica atual agem de modo que se influenciam – e até mesmo estruturam – a cena política tailandesa.

O plano histórico tangencia a crônica instabilidade do país desde que este se tornou uma monarquia parlamentar. Apesar da prosperidade econômica e da modernidade alcançadas, a Tailândia apresenta

* Membro do Programa de Educação Tutorial em Relações Internacionais da Universidade de Brasília - PET-REL e do Laboratório de Análise em Relações Internacionais – LARI (diogo_ide@hotmail.com).

um histórico de rupturas de governos, de corrupção, de favorecimentos a grupos sociais privilegiados e de instituições fragilizadas que se mostram pouco compatíveis com a prática democrática. Desde que se tornou monarquia parlamentar, em 1932, a Tailândia teve dezessete constituições diferentes e foi palco de dezoito golpes de Estado, tendo o último ocorrido ao final de 2006.

O motivo de tamanha turbulência é simples: os governantes se encontram frequentemente dominados por interesses e demandas das elites tailandesas, as quais possuem grande influência sobre o todo aparelho burocrático estatal. Como resultado, o autocontrole dos três poderes e os mecanismos de checks and balances capazes de “frear” o abuso do poder são cada vez menos utilizados e menos eficazes. A nova constituição do país, elaborada em assembléia indicada por militares, representa exemplo cabal de como os poderes legislativo e executivo encontram-se subjugados pelas elites econômica e militar. De acordo com ela, metade dos senadores não são eleitos, mas indicados. Há, assim, uma “institucionalização” da participação de membros das elites em foros políticos em detrimento de instituições, normas e mecanismos (tais como a divisão de poderes, de Montesquieu) que controlem a tendência natural de abusar do poder.

O ambiente marcado pelo controle do poder político pelas elites impossibilita a consolidação da democracia tailandesa e corrói facilmente a governabilidade de qualquer governo. A saída de Sundaravej caracteriza mais um exemplo de Primeiro-Ministro que não logrou terminar seu mandato por ter sucumbido frente às pressões das elites e dos grupos políticos adversários. Importante salientar que com a eleição de Somchai, cunhado do ex-Primeiro-Ministro destituído pelo golpe de Estado de 2006, nada mudará na dinâmica política da Tailândia, dado que a fraqueza das instituições e o controle do poder político pelas elites foram mantidos constantes.

Além do caráter de instabilidade ao longo do século XX, elementos de ordem conjuntural contribuíram para a mobilização em torno da saída de Sundaravej e devem, portanto, ser levados em consideração. A mobilização de milhares de pessoas em frente ao escritório do Primeiro-Ministro semanas

antes da saída de Sundaravej é um bom índice para analisar as dinâmicas da conjuntura atual, uma vez que permite entender a jogo de interesses que cerca o poder estatal.

É marcante na Tailândia a existência de uma cultura hierárquica que maximiza interesses dos grupos urbanos privilegiados e corrobora a exclusão das classes menos favorecidas e a desigualdade social. O governo de Sundaravej representou uma quebra nessa cultura ao realizar políticas assistencialistas visando grupos marginalizados econômico e socialmente – população rural ou classes urbanas menos favorecidas. Práticas como o perdão de dívidas e a assistência médica a baixo custo representaram uma ruptura profunda na maneira como a política é feita à medida que os interesses das classes mais altas foram deixados de lado. Sundaravej visava com tais políticas se fortalecer em meio à população mais pobre com vistas a centralizar o poder político do país em suas mãos. Suas motivações eram meios, instrumentos de aumentar seu poder e sua influência.

Os protestos realizados nas ruas de Bangcoc durante o mês de setembro revelam a mobilização reacionária e conservadora estimulada pelos grupos economicamente privilegiados com a finalidade de tirar o Primeiro-Ministro do poder. Ficou bastante claro o interesse desses grupos em mobilizar manifestantes para aumentar a pressão sobre a saída do Sundaravej. O objetivo era impedir que o agora ex-premiê aumentasse sua base de apoio entre as camadas sociais mais baixas, o que lhe daria muita autonomia e poria os interesses das elites em risco.

Mais uma vez, prevaleceu na Tailândia a vontade dos grupos privilegiados do país, que buscam manter o alto grau de porosidade do Estado em face das suas demandas. Supostamente defendendo a democracia, tais grupos lograram retirar um premiê democraticamente eleito por uma justificativa, no mínimo, fraca. O governo de Sundaravej, obviamente, não constituía um exemplo de democracia e de atendimento às camadas mais pobres, já que as políticas de ajuda aos mais pobres eram assistencialistas e meramente instrumentais para aumentar seu poder. Contudo, mais condenáveis do que os problemas de seu governo foram as motivações e a forma encontrada por seus adversários para forçá-lo a deixar a liderança do país.

A baixa repercussão internacional

No contexto do pós-Guerra Fria, pode-se dizer que a acentuação dos fenômenos da globalização e da interdependência aprofundou a interação entre os níveis interno e internacional. De fato, com a influência de processos internos sobre o ambiente internacional (segunda imagem) e de processos internacionais sobre o ambiente interno (segunda imagem invertida) tornou-se possível falar na diluição das fronteiras entre o externo e o interno. Dessa forma, cabe questionar: o que explica a baixa repercussão internacional em função dos graves acontecimentos políticos ocorridos na Tailândia, como o estabelecimento de estado de emergência e a saída do Primeiro-Ministro?

Toda a movimentação vista nas ruas de Bangcoc, se não passou despercebida por principais veículos midiáticos, mereceu apenas menções rápidas e superficiais. Até entre os próprios países da Associação dos Países do Sudeste Asiático (ASEAN), a repercussão do cenário político tailandês foi baixa. O fato é que momentos de instabilidade na Tailândia atingiram tamanha recorrência desde as últimas décadas que a saída de Sundaravej não ganhou a atenção internacional que se espera com a interrupção do mandato de um primeiro-ministro. Tal saída foi vista com relativa naturalidade por atores internacionais. Entretanto, caso tivesse ocorrido em outros países, ela certamente mereceria maiores preocupações acerca da situação interna e dos efeitos de transbordamento para além-fronteiras.

Entre os fatores que contribuem para a baixa reação internacional está a forma pela qual a crise política se desenvolveu: as manifestações resultaram num número baixo de mortes, não houve violações maciças de direitos humanos e o pretexto para forçar a saída de Sundaravej, a despeito das reais motivações, baseou-se em texto constitucional. Dessa forma, aos olhos de veículos da mídia e de atores políticos internacionais, a resposta à crise política interna deveria ser encontrada pelos próprios tailandeses. Nesse sentido, eles são vistos como soberanos para decidirem seu futuro político. Vale lembrar que tanto a mídia quanto atores internacionais influentes tendem a enxergar os acontecimentos políticos na Tailândia à luz da história de múltiplos momentos

de desordem. Isto é, tendem a ver acontecimentos desestabilizadores atuais como “mais um” dentre tantos que foram vistos no passo recente.

A falta de democratização marcada pela grande influência das elites sobre a política tampouco levou ao aumento das repercussões internacionais. Isso deve porque há outros temas da agenda internacional que são vistos como prioritários pelos países mais poderosos. A título de exemplo, no mês em que foi decretado o estado de emergência e Sundaravej retirou-se do cargo de premiê, as atenções estavam voltadas para questões como a crise financeira e a crise na Bolívia. Além disso, democracias incipientes costumam ter atenção internacional conforme se aumenta a percepção de que elas configuram ameaças a valores, à defesa ou à economia de um Estado ou da ordem internacional. As manifestações da Tailândia não aparentam em nada serem focos de ameaça, especialmente em se considerando o alto grau de securitização em torno de países do chamado “eixo do mal” e de Estados falidos – aqueles, ameaças reais, e estes últimos, ameaças potenciais.

A despeito da eleição de Somchai, manifestações continuam a acontecer. As instituições que deveriam controlar o abuso do poder encontram-se subjugadas a interesses de grupos e, conseqüentemente, acabam corroborando-os. O governo de Somchai parece estar fadado a ter o mesmo fim precoce que os antecessores e, novamente, as repercussões internacionais deverão ser praticamente nulas.

Recebido em 24/09/2008

Aprovado em 30/09/2008

Palavras-chaves: Tailândia, instabilidade política, democracia

Key words: Thailand, political instability, democracy

Resumo: o artigo trata da fragilidade política da Tailândia. Nesse sentido, ele aborda a pouca repercussão da política tailandesa perante a comunidade internacional.

Abstract: the article deals with Thai political fragility, particularly the minimal impact of the international community on Thai internal politics.